



UM ITINERÁRIO DE REFLEXÃO SOBRE O MENTAL

**Resenha de: LECLERC, André. *Uma introdução à filosofia da mente*.
Curitiba: Appris Editora, 2018.**

**Marcus José Alves de Souza
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)**

O que caracteriza um bom texto de introdução a um tema filosófico? Esta é uma questão polêmica, uma vez que os filósofos (pesquisadores) fazem textos com tipos diferentes de organização e abordagem. Neste sentido, o artigo indefinido no título do texto de Leclerc dá a compreensão desta dimensão, pretende ser ‘uma’ introdução à filosofia da mente. O livro *Uma Introdução à Filosofia da Mente* (Curitiba: Appris Editora, 2018) entra no circuito das introduções optando por duas características que, no meu entender, são muito importantes para uma boa introdução: a) tem um tratamento temático norteador e b) mantém um nível de problematização bastante instigante e aprofundado, sem deixar insatisfeito tanto o especialista quanto o iniciante em filosofia da mente. Além dessas características, percebe-se o estilo do autor, suas preocupações filosóficas. Seu estilo leve, com muitas exemplificações e explicações simples e corretas das tematizações da filosofia da mente, mostra a experiência de um pesquisador tarimbado, que, dado ao cabedal adquirido, transita como guia tranquilo em vários temas e teorias da contemporânea filosofia da mente. É claro que, como pesquisador, Leclerc aponta caminhos de respostas, fruto de sua trajetória intelectual, mas mantendo a problematização viva, mostrando contrapontos possíveis para convencidos e não convencidos das propostas, como uma introdução filosófica deve ser.

A estrutura do texto é simples e expressa o que apontávamos no início como caracterização: tematização e problematização. Apresenta uma primeira parte dedicada à tematização do que é o mental, em que merece destaque a lista sobre o domínio do mental; segue com uma reflexão sobre a constituição da disciplina filosófica no séc. XX

e uma apreciação de temas caros à tradição filosófica como intencionalidade e consciência. Na segunda parte, Leclerc apresenta, de modo didático e problematizador, as principais teorias da mente: os dualismos (de substância e propriedades), os behaviorismos, as teorias da identidade, os funcionalismos, o materialismo eliminativista, o monismo anômalo, o naturalismo biológico e os fisicalismos (reducionista e não reducionista). Com o tratamento didático e crítico, Leclerc vai apresentando com segurança as características básicas das teorias, ao mesmo tempo que levanta problemas variados às mesmas. Este procedimento mostra um aspecto importante de uma introdução: as teorias, como respostas às questões, devem ser vistas como oportunidades de problematização e aprofundamento conceituais, iniciando o leitor na complexidade da área de estudo. As teorias são programas de pesquisa abertos a críticas e refutações, não um conjunto de temas com respostas feitas e “pasteurizadas” para a absorção do público iniciante. O tratamento de Leclerc mostra a dinâmica, a heterogeneidade e a problematicidade envolvida nesta relativamente nova área de investigação filosófica. Esta parte é seguida de uma conclusão, em que os temas tratados na primeira e na segunda parte são retomados qualitativamente através do percurso percorrido.

Destaca-se na discussão temática, especialmente na definição do que caracteriza o mental, o tema da intencionalidade. A tese de Brentano é apresentada de modo a ser discutida com ferramentas conceituais levantadas pelo autor – o que caracteriza o mental/consciência é ser acerca de..., ou que atos, eventos e estados mentais devem “...ter um objeto, conterem um objeto representado (existente ou não), ou de serem acerca de algo, ou ainda de serem orientados para um objeto (estado de coisas ou fato)” (p. 33). Do mesmo modo, a discussão da intencionalidade ser intrínseca ou derivada. Se intrínseca, a capacidade de representação/ser acerca de... *não* pode depender da capacidade de outras representações, deve haver algo intrínseco na intencionalidade. Tal discussão coloca à baila dois outros temas de destaque na reflexão do livro, o tema do posicionamento internalismo x externalismo em filosofia da mente e o problema da causação mental, que serão retomados na conclusão.

A ideia de intencionalidade intrínseca pode evitar um regresso ao infinito na determinação do mental, ou seja, na resposta de onde vem a capacidade dos estados mentais de representar, de serem acerca de... estariam nos próprios atos mentais ou na sua base física. Se formos fisicalistas e afirmarmos que esta capacidade vem das atividades eletroquímicas do cérebro, como explicar que as relações intrinsecamente

físicas podem causar o mental? Se o físico pode causar o mental, tal causalidade depende apenas da atividade interna do cérebro.

A questão da causação mental é um tema recorrente no texto e tem como ponto alto a reflexão de Jaegwon Kim, apresentada no final da segunda parte, com seu Argumento da Superveniência, que solapa a tese de um possível fisicalismo não reducionista e torna inteligível uma ideia da causação mental. Admitir um fisicalismo reduutivo, em que toda causalidade é determinada por propriedades físicas de nível inferior (subatômico), coloca em dificuldade as explicações de senso comum (psicológico), na consideração do autor, fundamentais para nossa compreensão do domínio do mental. Nesta discussão, Leclerc busca mostrar o preço alto a se pagar por romper com as convicções de senso comum, especialmente na explicação do comportamento e de nossas ações.

No final do texto, André Leclerc tenta mostrar que as propriedades semânticas de uma palavra são extrínsecas à representação gráfica ou acústica da palavra (cores, traços, sons...), ou seja, elas dependem dos usos e hábitos linguísticos de uma comunidade. Se se pode comparar a estrutura das frases e a estrutura do conteúdo mental de nossas crenças, intenções etc., então “propriedades semânticas de nossos conteúdos mentais também são relacionais e extrínsecas” (p. 146). Aqui os temas do externalismo x internalismo e da causação mental voltam de modo requalificado e colocam dificuldades para o fisicalismo reduutivo, especialmente o de Kim. A rápida retomada do experimento da Terra Gêmea de Putnam incrementa a dificuldade reducionista, a mente não está presa ao cérebro, existem elementos extrínsecos, não intrínsecos ao cérebro, ou às reações eletroquímicas de nível básico.

Merece destaque as referências do livro, além de numerosas, atualizadas e abrangentes, dão importantes indicações das opções teóricas do autor, mas são, sobretudo, bons guias de pesquisa para iniciantes e pesquisadores.

Sem dúvida, é um livro a ser lido pelos interessados na problemática da mente (iniciantes ou não). O texto é uma contribuição muito boa para o entendimento do debate filosófico atual sobre a mente, cumprindo um papel importante no contexto dos textos de introdução ao tema em língua portuguesa.